

**Cantar em rede: desafios e
descobertas – relato de aulas de
canto coral na graduação da
Faculdade Rudolf Steiner**

Tarita de Souza*

* Mestre em Música pela Universidade de São Paulo e docente da Faculdade Rudolf Steiner.

No dia 16 de março, a Faculdade Rudolf Steiner deixou de oferecer aulas presenciais. Foi um grande susto para todos. Em tão pouco tempo, teríamos que transformar nossas aulas em encontros virtuais sem ainda dominar as tecnologias e sem saber por quanto tempo a nova realidade iria durar. Senti que corríamos para apagar um grande incêndio com pequenos baldes de água. Rapidamente, as matérias teóricas se adequaram, mas o que fazer com uma aula de canto? O canto coletivo pressupõe o contato, a escuta do outro, o toque, os gestos. Precisei de alguns meses para entender essa nova e forçada realidade, imposta por algo invisível e letal que se dissemina pelo ar, o mesmo ar que nos faz cantar e que propaga as ondas sonoras.

A princípio, passei a dar aulas teóricas por temas como anatomia, fisiologia da voz e história da canção brasileira. Meus objetivos eram ensinar sobre o funcionamento da voz, trazer aspectos vocais que constituem a identidade sonora e timbrística de cada período histórico e refletir sobre aspectos biográficos e culturais que compõem a nossa própria voz. Todos esses assuntos, que antes se encontravam pulverizados ao longo dos quatro anos da graduação em pedagogia, foram condensados em poucos meses. As discussões foram profundas e produtivas. Cito como exemplo a aula sobre a formação do samba, que abordou a miscigenação das culturas africanas para a formação do gênero que se tornou, no início do século XX, nossa maior identidade cultural¹. Para além da canção, da colocação vocal, do uso das palavras e das sonoridades, investigamos, também, a mensagem que as canções transmitem, desde sua origem, como porta-voz da grande parcela social oprimida – seja pela realidade social seja pela cor da pele – ou por questões de gênero. A voz é som, a voz é ideia, a voz é atitude.

Com o decorrer das aulas, e uma certa tranquilidade adquirida com o uso das tecnologias, refiz a seguinte pergunta: Quais seriam as características do estudo do canto para um curso de pedagogia? O que queremos trazer para esses alunos e alunas? E, afinal, o que é ensinar sobre a voz?

¹ Trabalhamos a partir do podcast: História preta, episódio – O nascimento do samba (14/02/2019) encontrado nas plataformas digitais, último acesso em 13 nov. 2020.

A primeira resposta é imediata: a voz é o instrumento primeiro de todo educador e educadora. É essencial conhecê-la, saber usá-la e cuidar bem dela. A voz é a ponte entre o mundo e as crianças, caminho que conduz ao conhecimento, um vínculo sagrado entre professor e aluno e entre os próprios alunos. Nesse atual momento de pandemia, com o isolamento social, a voz se tornou o toque possível (GELAMO, 2020).² Ela atravessa as telas e encontra o ouvido do outro, causando o movimento da membrana timpânica. A voz é a maneira como o nosso corpo passou a se comunicar com o mundo. A voz não se limita à tela, ela transcende as distâncias.

No curso presencial, nós começaríamos conhecendo esse instrumento, trabalhando o corpo, explorando possibilidades sonoras. Com exercícios vocais, aprenderíamos a usar melhor nosso instrumento e expandir suas capacidades. O canto coral é um excelente início de trabalho vocal por não expor ninguém e por podermos aprender escutando os outros. Em um coral, todas as vozes têm o seu lugar e uma ajuda na formação da outra e na construção de uma sonoridade que é única. É uma experiência extremamente prazerosa.

Muitas vezes, os alunos chegam para a aula cansados, tristes ou estressados e saem sorrindo como se tivessem tomado uma bebida revigorante, um elixir de alegria. A meu ver, só pela sensação de bem-estar, já estaria justificada a presença de tal atividade no currículo. Mas não é apenas isso. Aprender a cantar é primeiramente aprender a ouvir a nossa própria voz e a voz do outro. Saber que, mesmo cantando linhas melódicas diferentes, estamos cantando a mesma música e que a beleza está justamente na união das diferenças. O curso seguiria com um lindo repertório escolhido com muito cuidado para ampliar o universo cultural dos jovens e desenvolver a audição.

Fomos drasticamente interrompidos. As aulas teóricas foram, a princípio, muito importantes, pois trouxeram e ampliaram o conhecimento geral de cada aluna e aluno, gerando profundas reflexões e descobertas. Porém, faltava o toque, o contato. As palavras tinham ritmo, mas faltava a melodia, a alma e a inspiração.

² Frase da fonoaudióloga e arte-educadora Renata Peloso Gelamo durante o curso *on-line*: Ateliê de voz, realizado no mês de junho de 2020.

Comecei a observar que, durante o momento de reclusão, houve um aumento pela procura das artes como forma de alento. O consumo de música se transformou. Os artistas passaram a transmitir os shows de suas próprias casas nas tão concorridas *lives*. Exemplo disso são os famosos encontros diários da cantora e compositora carioca Teresa Cristina. Em suas *lives*, a cantora conseguiu criar a atmosfera de uma roda de samba de boteco, interagindo com o público e promovendo uma série de encontros musicais inusitados e juntando milhares de espectadores por noite. Outro novo fenômeno foram as produções de vídeos em que cada músico toca da sua casa e o editor é responsável por juntar a banda, resultando em uma performance coletiva. A necessidade de compartilhar a presença fez com que as pessoas se apresentassem de suas janelas e varandas. As imagens desses acontecimentos emocionaram o mundo. Afinal, partilhamos a mesma experiência. Dessa forma, a música continuou a promover encontros, mesmo que virtuais. Ao assistir a uma *live*, comentamos, enviamos corações e *likes*. A emoção é verdadeira e nos sentimos nutridos pelo *show*. Para o músico Benjamim Taubkin, o que vivemos durante esse momento de pandemia é um exercício de “construção do imaginário” do mundo que queremos para o futuro (TAUBKIN, 2020, s.p.).

Não voltaremos a viver a vida que conhecíamos antes da pandemia. Não da mesma forma, nem com os mesmos acordos sociais. Algo está se transformando. Não há espaço para as mesmas perguntas, que já não fazem sentido. Teremos de formular novas questões. E a arte – quando genuína – lida com o risco, o desafio, a busca. Caberá a ela um importante papel na construção de novos modelos, novas realidades. O desafio é imenso, histórico (TAUBKIN, 2020).

A partir dessas questões, surge, então, a pergunta: como adequar as aulas aos novos formatos? Infelizmente, até o presente momento em que escrevo este texto, não temos tecnologia para cantar simultaneamente. Por meio da gravação e da edição de vídeo, podemos montar um coral virtual. O resultado final é muito próximo: pessoas cantando junto – porém, o processo é completamente distinto. Aquela sensação de cantar junto se perde e o trabalho, que antes era coletivo, torna-se individual. Aceitar a situação como ela se apresenta e pensar

em maneiras criativas de continuarmos no nosso processo de aprendizagem musical me pareceu a única alternativa. Voltei, então, à pergunta: Por que ensinar canto em um curso de pedagogia? Partindo das respostas descritas abaixo, fui elaborando atividades em conjunto com os alunos e alunas:

1. Aprender sobre seu instrumento de trabalho, a voz

Aulas de anatomia, exercícios vocais, saúde e prevenção de problemas relacionados ao canto e à fala. Todas essas atividades podem ser realizadas *on-line*, inclusive com compartilhamento imediato de tela e possibilidade de gravar a aula para que o aluno e a aluna tenham possibilidade de sempre recorrer a esse material. Os exercícios vocais foram gravados em formato de *podcast* para facilitar o estudo diário.

2. Aprender a escutar e reconhecer as possibilidades vocais. Um caminho para o desenvolvimento da voz própria

Observar os diversos períodos históricos da nossa canção popular a partir do uso da voz pode ajudar a construir um caminho na compreensão da nossa própria voz, além de aprendermos mais sobre a nossa cultura. Estas aulas, a princípio, foram vídeos elaborados por mim a partir de uma bibliografia específica, também disponibilizada para os alunos e alunas via *moodle* com exercícios de escuta. Em um determinado momento, passei a dar essas aulas em tempo real, o que aumentou o envolvimento e a participação dos jovens. Uma dessas atividades foi escutar o disco *Matita Perê* (1973), de Tom Jobim (1927-1994), do começo ao fim, observando o instrumental utilizado, a letra das canções, a ordem em que o compositor organizou esse roteiro auditivo e como a voz se relaciona com a mensagem semântica do texto e da sonoridade. Os alunos e alunas se surpreenderam com essa escuta. Raramente paramos para, de fato, ouvir um disco do começo ao fim, embora os compositores ainda elaborem, com cuidado, um roteiro de escuta. Muitos deles nunca tinham ouvido Tom Jobim, um dos maiores compositores da música brasileira e mundial. Durante essa primeira fase, trabalhamos muito com a escuta. A escuta é o princípio de qualquer atividade pedagógica. Cada

vez mais, precisamos reaprender a ouvir. Saber falar ou cantar, necessariamente, passa por aprender a ouvir.

3. Desenvolver a voz – o canto na prática – eis o grande desafio!

Sempre começo qualquer aula minha por atividades corporais, seja relaxamento, respiração ou movimento. Não posso ouvir os alunos, mas posso vê-los, sugerir e corrigir movimentos. A voz é corpo e, como tal, é preciso trabalho para percebermos os processos fisiológicos e as estruturas ósseas e musculares que possibilitam o cantar.

Os exercícios de respiração e controle do fluxo de ar são imprescindíveis. Muitos deles podem ser realizados via tela. Aquecemos a voz coletivamente, apenas o meu microfone ficava aberto. Não consigo ouvir cada um individualmente pelo tempo e, principalmente, pelo grau de exposição que isso exige. Não são todos os alunos e alunas que se sentem bem com tal exposição. Por outro lado, recebi relatos como: “professora, me sinto super à vontade de cantar sozinho aqui de casa, não sinto vergonha”. Às vezes, eu perguntava se alguém teria coragem de cantar para o grupo e, assim, trabalhava individualmente com esse aluno ou aluna. Aos poucos, tais atitudes encorajavam os demais, gerando um processo muito bonito de acolhimento e escuta do outro. Para a educadora Bell Hooks:

Escutar um ao outro é uma maneira de reconhecimento. [...] O ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e a unicidade de cada voz. [...] Ajuda a criar uma consciência comunitária da diversidade das nossas experiências e proporciona uma certa noção daquelas experiências que podem informar o modo como pensamos e o que dizemos. (HOOKS, 2019, p. 114).

Além do que “pensamos e dizemos”, como aponta Hooks, acrescento a escuta do som em seu caráter individual, ou como chamamos em música, timbre. Cada voz tem sua música. Essa escuta do outro tornou-se um momento solene de respeito e alegria.

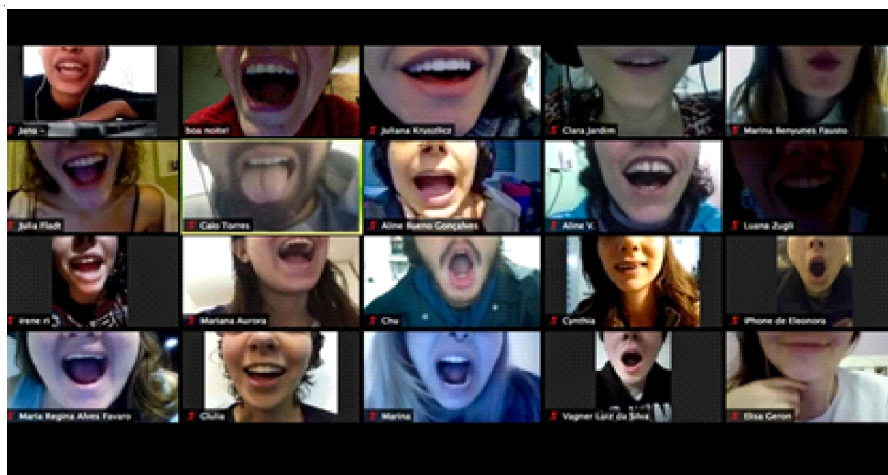
Trabalhamos também a elaboração de um repertório. Nesse processo, apenas o meu microfone ficava aberto e, a qualquer momento, os alunos e alunas poderiam tirar suas dúvidas. Escolhemos canções

variadas para ampliar o conhecimento cultural ou simplesmente para resgatar essa sensação de prazer e alegria, que é cantar. Nesse quesito, recebi muitos relatos de alunos e alunas agradecendo por terem um momento de alegria durante a semana nesses tempos tão sombrios em que vivemos. Fizemos, também, algumas dinâmicas de cantar cada aluno um trecho de uma canção, um por vez, e alguns momentos de sarau.

Como foi apresentado, não é a mesma aula que teríamos presencialmente, porém o conteúdo foi mantido e pudemos fazer muitas coisas interessantes. A tecnologia nos possibilitou estarmos juntos, compartilhar experiências, compartilhar canções, falar e ser ouvido, criar sonoridades, aprender sobre a nossa voz e as vozes que formaram nossa identidade. Me sinto muito feliz por realizar esse trabalho e muito orgulhosa dos meus alunos e alunas, que, corajosamente, se empenharam para vencer esse desafio.

Por trabalhar justamente com emissão de ar, o canto coral é tido como atividade de alto risco. Acredito que apenas com uma vacina poderemos voltar ao que era antes. Nosso desejo e sonho é de poder cantar junto, com muita fé de que, em breve, isso será possível e que tudo o que aprendemos durante este ano irá se tornar semente para um novo dia.

Finalizo com duas imagens dos alunos da graduação em pedagogia da Faculdade Rudolf Steiner. A primeira é uma aula de canto e a segunda são aulas de flauta doce. Sobre as aventuras das aulas de flauta, deixarei para contar em uma próxima oportunidade!



Faculdade Rudolf Steiner, primeiro ano da graduação na aula de canto.



Faculdade Rudolf Steiner, segundo ano da graduação na aula de flauta.

Referências bibliográficas

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

TAUBKIN, Benjamim; TYGEL, Julia. Arte e cultura como forma de nos tornarmos quem somos. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Edição de set. 2020. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/arte-e-cultura-como-formas-de-nos-tornamos-quem-somos/>>. Acesso em: set. 2020.